a formação na escola

ANA CANEDO

NOS ÚLTIMOS tempos da AMP, circulava um *slogan* que afirmava que o discurso histérico era o melhor para o funcionamento de uma Escola e para o trabalho de formação de analistas, pois estimulava a produção do amo e questionava o saber estabelecido. O sujeito histérico que se divide para sustentar o significante amo era disfarçado como a divisão interna do sujeito, que é de estrutura.

As armadilhas do discurso histérico facilitaram os excessos do discurso do amo, a circulação dos conceitos repetidos até a saciedade, e a hierarquização dos semblantes de saber permitiu chegar ao final à suposta tese de Escola elaborada por Lacan, degradando a aposta sem dizê-lo.

Segundo o meu entender, o discurso histérico pode efetivamente animar o amo, mas disso não se deduz que o produto seja simplesmente um saber renovado.

Interessa-me situar, segundo a clínica dos discursos, os efeitos do discurso histérico na Instituição analítica, seguindo alguns pontos de reflexão desde o ensino de Lacan.

Já em suas primeiras elaborações, Lacan trata com o discurso, quando coloca o inconsciente como um efeito de discurso, retomando o enunciado de Freud: ali onde Isso era eu devo advir, no sentido do inconsciente como um lugar, o lugar do reprimido e do sintoma.

A repressão atua no registro significante enquanto interfere sobre um saber da verdade, aquela que afeta intimamente o sujeito, já que entranha para ele "a história de uma tirania", a tirania do significante amo, podemos dizer.

Na neurose é a história que, reprimida, continua operando na linguagem cifrada, clandestina para a consciência. Enquanto a censura, formação de compromisso do sintoma, é um contrato que se exerce sobre um discurso que se imprime e se expressa.

"O sujeito que reprime uma verdade não governa mais, não está no centro de seu discurso, as coisas funcionam sós e o discurso se articula mas por fora do sujeito. Este outro lugar por fora é o que chamamos inconsciente."

Sua tese de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem emerge na clínica do discurso. A Psicanálise

opera a partir de elementos significantes e todo seu ensino se orientou a encontrar conceitos que puderam dar conta dos acontecimentos do real da clínica em uma proposta pragmática de manobrar nela.

Já a repressão é um fenômeno de estrutura, opera nos analisandos e nos analistas, se estes não estão advertidos, em sua prática e na instituição analítica. A repressão é repressão de um saber e se inscreve nas distintas seqüências da história da psicanálise.

Nos anos 50 Lacan já questionava os desvios pelos quais os pós-freudianos tinham degradado a psicanálise no nível "da direção da consciência" com a *ego-psycology*, fazendo alusão, com fina ironia, ao casal com o confessor na religião cristã.

No interior da IPA, a dispersão em correntes analíticas divergentes entre si tinha reprimido o saber sobre a verdade do inconsciente que Freud tinham construído.

Os desvios em ato se sustentavam em uma instituição de estrutura ideal, pura e aparentemente ligeira. Uma instituição baseada em acordos mínimos sobre o que constituía a formação, a garantia, os didatas.

Este acordo teve conseqüências: a vida associativa se constituiu segundo uma rigorosa disciplina digna de um colégio episcopal, a elaboração da teoria se desagregou e fortaleceu aos amos, afetando os candidatos segundo se situavam numa povoação ou outra.

As conseqüências para a causa psicanalítica são conhecidas e atravessaram a vida de Lacan, porque ele consentiu nisso, para obter um produto: a qualidade de um ensino sustentado numa experiência. Ocupando-se de sua posição de analisante atravessado pelo discurso do analista, se protegeu das sereias cativantes do discurso da histeria, dos encaixilhamentos da burocracia do discurso do amo e do encerramento das castas do discurso universitário.

O desejo do analista ligado ao seu ensino se sustentou da pergunta até o final.

Como manter aberta na prática analítica a iância que permite aceder ao real que escapa ao significante?

Lacan encontra uma resposta quando situa a formação dos analistas como exigência primária, dizendo que um analista é produto de uma análise e é a partir daí que se entende o enunciado "o analista só se autoriza dele mesmo"; mas se acrescenta: não só. Esta concepção da formação se acompanha de um requisito, um chamado aos analistas ao implicar as questões que importa à análise, concernentes à formação na

instituição a que pertencem, incluindo as questões institucionais e as gestões que possibilitem o analítico.

A relação de implicância com a política da psicanálise na instituição modifica a posição subjetiva do analisante em sua própria análise e intervém na concepção da clínica dos analistas, na direção da cura. Assim, o modo de vinculação dos sujeitos com a instituição analítica tem efeitos clínicos e afeta a teoria pela qual se sustenta a clínica da análise.

Daí a importância da instituição a que pertencem: *a clínica dos discursos.*

Nos anos 70, no seminário "O Avesso" e em outros textos da época, Lacan realiza um novo giro para tratar o acesso do significante para bordear o real.

O gozo que dá conta da Coisa, limite interior do registro simbólico, é apreendido pelo conceito como objeto *a*, mais de gozar, nos quatro discursos que nomearei aqui: discurso do amo, discurso histérico, discurso universitário e o discurso do analista.

Como dizia no começo, interessa-me desenvolver aqui o discurso histérico e sua incidência na instituição.

O discurso histérico é uma formulação de um modo de identificação assinalado por Freud na "Psicologia das Massas e Análise do Eu". Lacan ocupou-se de elucidar a identificação histérica desde o começo de seu ensino, em seu estudo do estádio do espelho, e o retoma até o final, no nó borromeo.

Como sabemos, a identificação deriva da clínica da histeria, porém não é exclusiva dela. É a partir da escuta das histéricas que a outra cena do inconsciente se manifesta para Freud. Embaixadoras do saber inconsciente, promoveram sem sabê-lo a causa do querer saber.

Desafio que interpelou a Freud, que logrou elaborar um dispositivo, o da psicanálise, pondo a trabalho a elaboração desse saber a partir de uma posição responsável. As elaborações teóricas permitiram arrancar do obscurantismo o desafio que representava o sintoma histérico para o discurso científico, nesse caso a medicina.

Quando Lacan elabora os quatro discursos, resgata a identificação histérica do campo da patologia para incluí-la como um modo de vínculo social.

A identificação da participação permite a fluidez na relação entre os indivíduos. A utilização da imagem, tão presente na cultura atual, produz um efeito de coincidência que, de um modo automático, atua produzindo o fenômeno imaginário da união entre as pessoas. Esta facilitação está sustentada do

amor narcisista ao ideal em cada um. A identificação se apoia na cadeia significante da demanda ao outro em sua relação ao ideal, em correlação com o desejo sustentado no fantasma. O amor ao pai ideal se transfere ao líder. A identificação pelo objeto comum de amor idealizado opera nos grupos sociais, especialmente nos fenômenos das massas, mas também nas instituições organizadas, como a igreja e o exército.

Pondo em primeiro plano o amor pelo saber, no discurso histérico o sujeito manifesta sobre a barra sua divisão $ e promove a empatia, dirigindo-se a obter um saber que preencha sua divisão, o S1 que possa nomear definitivamente o gozo mais além do falo, o gozo do objeto inominável.

Por baixo da barra, no lugar que dá conta da verdade do discurso, se coloca como desconhecimento o mais de gozar, a marca renovada do menos da satisfação, assinalada desde o começo por Freud.

O sujeito emerge em sua insatisfação porque nesta posição o gozo não se encontra reabsorvido em algo do saber.

A prevalência imaginária do amor coloca o sujeito em sua posição de objeto que se subtrai ante a iminência de um suposto forçamento. Neste cálculo enganoso de domínio o sujeito se esquiva para tentar produzir um vazio no Outro, pondo em primeiro plano a verdade da castração e fazendo emergir a falta no saber, que é de estrutura. Daí que, em determinadas ocasiões, se tenha colocado a ênfase na função renovadora da histeria para fazer cambalear os ideais preestabelecidos e promover o discurso científico.

No sujeito, ao saber produzido S2 acrescenta-se a metonímia dos significantes, sem envolver o sujeito nos significantes amo que o determinam, podendo dar consistência imaginária ao discurso do amo e sua derivação como discurso universitário.

Vejamos: no discurso histérico, o sujeito dá a palavra ao outro, em seu ativismo se declara em greve para entregar seu saber e ilude o consentimento ao se fazer sujeito de sua palavra.

Lacan elaborou o matema do discurso do analista, enquanto a psicanálise dá lugar a um discurso novo que se diferencia do discurso histérico, introduzindo nele sua regulação ao pôr em primeiro lugar o objeto *a* rejeitado. Situando como objeto a causa do desejo, opera com o ser do sujeito, que não se situa do lado do sentido senão da falta de sentido: a causa se encontra na iância entre os significantes: o lapso, o ato falho, o sintoma que se escapa à significação. A produção do saber é circunscrita enquanto se obtém os significantes amo, sustentando

a supremacia da enunciação, perda de gozo correlativa à separação da cadeia significante.

O discurso do analista opera fazendo produtivo o saber, que aqui tem outro registro, já que surge da estrutura do não-todo e se dirige ao sujeito que consente, apelando à responsabilidade dos excessos de seus ditos, suas ações e suas demissões, fixações de gozo que o comandam e o parasitam, na direção de ali onde isso era o sujeito deve advir.

Se o discurso do analista se sustenta no dispositivo analítico, a estrutura quaternária do discurso se aplica ao tratamento do mal-estar nos grupos pois este discurso é o que permite a passagem de um discurso ao outro e bordeia os outros discursos, revelando a fixação da verdade que os sustenta enquanto excluem a causa do desejo, ou seja, o sujeito.

A instituição deixa aberta uma brecha para pensar em que consiste a formação do analista se, como falava anteriormente, é solidária da clínica e afeta a existência mesma da psicanálise no porvir.

Os trilhos discursivos que provêem a linguagem se entrecruzam também no discurso histérico e seus excessos e incidem na formação do analista na escola:

· A transferência de trabalho que envolve a causa íntima do sujeito pode se confundir como moção ao trabalho.

· Os excessos do discurso do amo não se tratam a partir da depreciação sistemática dos lugares de gestão senão de cuidar que a gestão não advenha em burocracia a serviço dos fins contrários à ética da psicanálise.

· O rigor e o controle que requer a formação a oferecer pode se perder por trás dos véus do ideal da perfeição.

· O chamado aos mais qualificados para pensar as questões da escola desvincula a elaboração no lugar onde se cose o saber, o trabalho na base em que se sustenta.

A histérica pode aparecer como revolucionária em sua proposta de mudança mas, na realidade, reforça aquilo que aparentemente quer superar. Podemos assim comprovar a falsa dialética entre o discurso histérico e o discurso do amo e seus derivados, enquanto se mantém no registro imaginário pululam os floreios metonímicos e as erudições de todo saber.

Lacan pôs no centro da contra-experiência de sua Escola o desejo do analista, que não se pode ensinar e ao mesmo tempo incide na formação dos analistas. No conceito da Escola estão incluídos os suportes significantes que permitem o tratamento do gozo, que se desprende dos discursos enquanto efeito do significante.

Um modelo de Escola que toma como base a proposição de 64 e a Ata de Fundação de 67, cujo espírito recolhe até o final nos textos da dissolução nos anos 80.

Coloca em primeiro plano a responsabilidade e o compromisso de cada um com a causa da psicanálise, que envolve a causa íntima do sujeito e acolhe a analistas, não analistas, analisandos, não analisandos que desejam sentir-se concernidos nisso.

Ao desenvolver sua tese, estabeleceu os sulcos significantes de uma estrutura circular onde afiança a série como uma modalidade para o trabalho conjunto dos analistas.

Estes sulcos persistem e, como podemos comprovar em nosso passado próximo, podem ser transformados e perder assim o alcance epistêmico e ético de seus fundamentos, organizados a partir de uma clínica da instituição elaborada passo a passo por Lacan.

O que chamamos crise de 98 foi proveitoso pois permitiu voltar a trabalhar os conceitos para propiciar o encontro renovado e fazer emergir esses sulcos, para quem assim o deseje, com toda a força de uma interpelação.



Traduzido por Arturo Blanco